

Oliveira das Neves, Auricléa

O tempo religioso na crônica de Frei Gaspar de Carvajal

III Jornadas : Diálogos entre Literatura, Estética y Teología

Este documento está disponible en la Biblioteca Digital de la Universidad Católica Argentina, repositorio institucional desarrollado por la Biblioteca Central "San Benito Abad". Su objetivo es difundir y preservar la producción intelectual de la institución.

La Biblioteca posee la autorización del autor para su divulgación en línea.

Cómo citar el documento:

Oliveira das Neves, Auricléa. "O tempo religioso na crônica de Frei Gaspar de Carvajal." Ponencia presentada en las III Jornadas Diálogos entre Literatura, Estética y Teología: Lenguajes de Dios para el siglo XXI, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Católica Argentina. Buenos Aires, 2007. [Fecha de consulta] <<http://bibliotecadigital.uca.edu.ar/repositorio/ponencias/o-tempo-religioso-na-cronica-de-frei-gaspar-de-carvajal.pdf>>.

(Se recomienda ingresar la fecha de consulta antes de la dirección URL. Ej: 22 oct. 2010).

O tempo religioso na crônica de Frei Gaspar de Carvajal

Por Auricléa Oliveira das Neves

O texto de Carvajal, *Descobrimento do rio de Orellana*, escrito entre 1541/42, está relacionado às disputas político-expansionistas entre portugueses e espanhóis, delimitadas pelo Tratado de Tordesilhas (1494). Naquele período, Portugal e Espanha têm a preocupação de resguardar os lugares por eles conquistados, estender seus limites e colonizar suas posses.

Frei Gaspar de Carvajal é considerado o primeiro cronista a registrar os acontecimentos referentes à viagem capitaneada por Francisco de Orellana¹, em toda a extensão do rio Amazonas e, segundo C. de Mello-Leitão², ele era natural de Trujillo da Extremadura espanhola, nascido em 1504. Durante a juventude professa votos na Ordem de São Domingos e, em 1537, chega ao Peru na condição de missionário, juntamente com outros dez frades, os quais são os primeiros religiosos daquela congregação a chegarem à América, onde fundam o primeiro convento da Ordem de São Domingos de Gusmão naquele território.

Sobre a crônica do rio Amazonas, alguns fatos concorreram para que o religioso viesse a tomar parte na viagem de Francisco de Orellana³. Estando Carvajal no Peru, na condição de vigário geral de Lima, um conterrâneo seu, Gonzalo Pizarro, toma posse do governo de Quito e o convoca para dar assistência espiritual a seus soldados. Desejoso em conquistar as terras do Eldorado e da Canela, Pizarro parte em 1541, no comando de uma expedição com cerca de

¹ Conforme C. de Mello-Leitão, Francisco de Orellana era natural de Trujillo da Extremadura espanhola, nascido em 1511. Em 1535, seu nome aparece ligado aos irmãos Pizarro, seus conterrâneos, e à conquista de Lima, Trujillo e Cusco. Em 1541, se junta à expedição de Gonzalo Pizarro que busca conquistar as terras do Eldorado e da Canela. Em razão de inúmeras dificuldades da expedição de Gonzalo, Orellana prossegue com alguns homens até o vale do rio Amazonas em busca de ajuda de onde segue como comandante da primeira expedição a percorrer esse rio dos Andes ao Atlântico. Após esse feito, segue para Espanha onde recebe do governo as terras por ele descobertas, denominando-as de *Nova Andaluzia*. Em 1546, Orellana organiza nova expedição para percorrer a Nova Andaluzia, mas com problemas pessoais de diferentes ordens, vem a falecer durante a viagem, tendo sido enterrado nas terras que ajudou a conquistar.

² C. de Mello-Leitão. "Prefácio". In: CARVAJAL, Gaspar; ROJAS, Alonso e ACUÑA, Cristóbal. *Descobrimientos do rio das Amazonas*. Tradução de C. de Mello-Leitão. São Paulo: Editora Nacional, 1941. p.6.

³ *Ibidem*, p.6.

quatro mil índios e duzentos e vinte espanhóis. No vale de Zumaco, o capitão Francisco de Orellana se junta ao grupo e após dois meses de viagem, pouca riqueza é encontrada.

Gonzalo Pizarro volta e ordena que um outro grupo construa um bergantim, no qual embarcam Francisco de Orellana, frei Gaspar de Carvajal, acompanhado de outro dominicano e cinquenta e sete soldados, com objetivo de prosseguir viagem, procurar ajuda e melhor explorar rio abaixo. Nessa aventura Carvajal é ferido duas vezes por flechas, uma das quais lhe atinge um dos olhos, vindo a perdê-lo. É nestas condições que a crônica de Carvajal é redigida. No começo de seu texto são escritos os seguintes dizeres: “Tudo que eu contar d’aqui por diante será como testemunha de vista e homem a quem Deus quis dar parte de um tão novo e nunca visto descobrimento, como é este que adiante direi”⁴.

A pequena expedição de Orellana parte rio abaixo e dois dias depois sofre o primeiro acidente: “quase nos perdemos no meio do rio, porque o barco bateu num pau e quebrou uma tábua, de modo que, se não estivéssemos perto da terra, ali acabaríamos a nossa jornada”⁵. A viagem prossegue, as dificuldades se multiplicam, não há qualquer sinal de povoação e muitos se desesperam. Com a permissão do comandante, Carvajal celebra missa “encomendando a Nosso Senhor nossas pessoas e vidas, suplicando-lhe [...] que nos tirasse de tão manifesto e perdição”⁶. Naquela altura, era dificultoso retornar por terra e impossível de voltar por água pela forte correnteza que empurrava a embarcação ao desconhecido.

Sem alimentos e em condições precárias, confiando na providência divina, “suplicando a Nosso Senhor que houvesse por bem guiar-nos naquela jornada, de maneira que pudéssemos volver aos nossos companheiros”⁷, os viajantes continuam a descer o rio, com a intenção de buscar algo para auxiliá-los, entretanto, é enorme penúria e fome intensa que irão

⁴ CARVAJAL, Gaspar. *Descobrimiento do rio de Orellana*. Tradução de C. de Mello-Leitão. São Paulo: Editora Nacional, 1941. p.13.

⁵ Ibidem, p.18.

⁶ Ibidem, p.19.

⁷ Ibidem, p.18.

encontrar, conforme registro de Carvajal: “chegamos a tal extremo que só comíamos couro, cintos e solas de sapatos cozidos com algumas ervas”⁸, o mesmo trecho informa que a “fraqueza era tanta que a maioria não conseguia ficar de pé”⁹.

Apesar dos percalços, Carvajal se mantinha firme e confiante na providência divina que, de algum modo, os tiraria do perigo. Aos poucos, o grupo segue o curso do rio, passa por momentos de tranqüilidade, ou de perigo iminente, sempre com a esperança de levar a bom termo a empreitada.

Entre os vários aspectos tratados na crônica, a marcação temporal é um deles e bastante comum em diários de viajantes. A singularidade do texto carvajaliano ocorre, entretanto, pela cronologia dos fatos ser marcadamente religiosa, funcionando como uma espécie de pedagogia catequética, uma vez que o leitor é obrigado a pesquisar a data aludida no calendário cristão católico.

O tempo, na antiguidade clássica, era visto sob duas formas: *khronos* e *kairós*. No primeiro caso, o tempo é tirânico, consome, é alegoria de Cronos e Saturno¹⁰, ligado à melancolia, à destruição, à morte de seus descendentes. Diferentemente, o segundo significa o lucro, a realização, o progresso, a busca de boas-novas e de mudança para melhor, enfim, é dar sentido ao tempo que Deus empresta ao homem. No século XVI, época de Carvajal, o tempo assume um grau de importância maior em relação a períodos anteriores, é o momento histórico em que o homem vence as distâncias espaciais com a descoberta de novos mundos e a barreira do tempo com a tecnologia da arte da navegação.

Carvajal sofre a interferência desse momento histórico e trabalha o tempo baseado no calendário das festas litúrgicas, com duas variações: as datas fixas e datas móveis

⁸ Ibidem, p.19.

⁹ CARVAJAL, loc.cit.

¹⁰ Cf. verbetes “Cronos” e “Saturno” nas obras: BRUNEL, Pierre (org). *Dicionário de mitos literários*. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000. e CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 17.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

determinadas pelo ciclo pascal, modificando-se a cada ano. Para precisar as datas móveis foi necessário fazer a contagem a partir da única data ligada ao ciclo da Páscoa, que o religioso revela em sua crônica, a festa de *Corpus Cristi*:

Na quarta-feira, véspera de *Corpus Cristi*, sete de junho, mandou o capitão aportar numa pequena povoação que estava sobre o rio, e foi tomada sem nenhuma resistência. Aí se encontrou muita comida, especialmente peixe, que havia em tal abundância que pudemos abastecer largamente os bergantins. Era o peixe que os índios tinham a secar para ir vender terra a dentro ¹¹.

As festas religiosas marcam a chegada, a partida e a permanência dos homens de Orellana durante a viagem: “Terminada a obra, e visto que a comida se esgotava, tendo morrido sete companheiros da fome passada, partimos no dia de *Nossa Senhora da Candelária*”¹².

De acordo com o fragmento, os exploradores partiram do local dia 2 de fevereiro, data em que se comemora a Purificação de Maria, Nossa Senhora da Candelária ou Candeias. O culto à Virgem das Candeias¹³, cuja imagem primitiva se encontra em Tenerife, precede à chegada do europeu às ilhas das Canárias e está ligada à colonização espanhola. Conta a tradição que essa imagem foi encontrada na ilha por dois pastores dentro de uma caverna, iluminada por inúmeras velas, sustentadas por seres invisíveis. Sem reconhecer a representação da imagem, mas percebendo algo sobrenatural acerca dela, os ilhéus, ainda pagãos, passaram a honrá-la e cultuá-la mesmo sem a compreensão dos fatos.

Com a conquista da ilha pelos espanhóis, no século XV, o mistério é explicado pelos conquistadores. Não houve, portanto, nenhuma dificuldade para a Companhia de Jesus cristianizar os ilhéus e difundir o culto à Mãe de Deus, a quem deram o nome de *Nossa Senhora da Candelária*.

¹¹ CARVAJAL, Gaspar. *Descobrimiento do rio de Orellana*. Tradução de C. de Mello-Leitão. São Paulo: Editora Nacional, 1941. p. 53.

¹² *Ibidem*, p. 26.

¹³ Cf. ADUCCI, Edésia. *Maria e seus títulos gloriosos*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

Certamente Carvajal, como autêntico espanhol, conhecia essa história e os milagres atribuídos à Virgem das Candeias e, por achar ainda, que a data dedicada a ela era senso comum, registra apenas o dado de sua festa.

Em outra parte da crônica, Carvajal dá conta do tempo que permaneceram na terra de Apária para a confecção de um novo bergantim:

Nesse lugar demoramos toda a *Quaresma*, quando se confessaram todos os companheiros com os religiosos que ali estávamos e eu preguei todos os Domingos e Festas do *Mandato, a Paixão e Ressurreição*, o melhor que Nosso Redentor me quis dar a entender com a sua graça ¹⁴.

O grupo se estabeleceu no local por toda a Quaresma, que são quarenta dias entre a quarta-feira de Cinzas e o domingo de Páscoa, durante o qual os católicos seguem alguns preceitos, tais como, abster-se de carnes em dias pré-determinados. É um tempo de reflexão, conversão e rememoração dos acontecimentos relativos à flagelação e morte de Jesus. Esses quarenta dias têm profundo simbolismo na vida dos cristãos: recorda os quarenta dias que Moisés jejuou no monte Sinal, antes de receber a Tábua das Leis; remete ao tempo em que Elias se dirigiu ao monte Horeb; lembra quarenta anos de peregrinação do povo de Israel pelo deserto em busca da terra prometida, no *Antigo Testamento*. No *Novo Testamento* marcam o tempo que Jesus Cristo jejuou no deserto, após o batismo no rio Jordão.

No fragmento, Carvajal alude a três celebrações importantes desse tempo litúrgico: *Mandato* que é a mesma cerimônia do Lava-pés, quando Jesus ensina que o exercício do poder está intimamente ligado ao exercício do serviço, *o mandato novo*; a celebração da *Paixão*, referência à Quarta-feira, Quinta-feira e Sexta-feira, antes da Páscoa, tempo conhecido como Semana Santa e a festa da *Ressurreição*.

A festa da Ressurreição referida por Carvajal é o domingo de Páscoa, cuja data, em 1542, ocorreu no dia 8 de abril. Essa comemoração é centro do Cristianismo e foi designada

¹⁴ CARVAJAL, Gaspar. *Descobrimento do rio de Orellana*. Tradução de C. de Mello-Leitão. São Paulo: Editora Nacional, 1941. p.34.

pelo Concílio Vaticano II de Mistério Pascal, em razão da Páscoa Judaica, *Pesha*, que tem origem em duas festas distintas: a festa *do Cordeiro* e a festa dos *Pães Ázimos*.

Carvajal enfoca o valor da festa pascal, na celebração de uma missa, em cuja homilia convoca os companheiros a perseverarem na fé e os exorta a serem pacientes na realização da empreitada, pois de sua ação dependia a vida e a honra de todos, além de estarem cumprindo o dever de cristão, servindo a Deus e ao Imperador:

procurei ajudar e esforçar o que pude pela perseverança no bem a todos aqueles irmãos e companheiros, lembrando-lhes que eram cristãos e que serviriam muito a Deus e ao Imperador em prosseguir na empresa e suportar com paciência todos os trabalhos presentes, até sair com este novo descobrimento, além de ser isto o que tocava às suas vidas e honras. Assim nestes sermões disse o que me parecia, cumprindo com o meu ofício, e também porque me ia a vida no bom sucesso da nossa peregrinação¹⁵

Na continuação de seu discurso Carvajal permanece pontuando o tempo religioso: “Também preguei no domingo de *Quasímodo*, e posso testemunhar com verdade que, tanto o Capitão como todos os outros companheiros, tinham tanta clemência e espírito de santidade de devoção em Jesus Cristão e sua sagrada fé”¹⁶. O domingo do *Quasímodo* expressa a antífona cantada no primeiro domingo depois da Páscoa, significa “quase do mesmo modo”, ou seja, quase uma Páscoa, ou Pascoela. Carvajal focaliza o espírito de devoção e de santidade refletido em todos os companheiros, pois segundo suas palavras todos “tinham necessidade de pedir misericórdia a Deus”¹⁷. Naquela altura dos acontecimentos já estavam em meados de abril e Carvajal registra mais um tempo religioso: “Na véspera da festa do

¹⁵ CARVAJAL, Gaspar. *Descobrimto do rio de Orellana*. Tradução de C. de Mello-Leitão. São Paulo: Editora Nacional, 1941. p. 34.

¹⁶ CARVAJAL, loc. cit.

¹⁷ CARVAJAL, loc. cit.

evangelista *São Marcos*, a 24 de abril do referido ano, seguimos pelas povoações daquele senhorio de Apária (...). Passamos o dia de *São Marcos* em um povoado seu”¹⁸.

O evangelista São Marcos¹⁹ viveu no século I da era cristã e elaborou seu texto a partir do depoimento de São Pedro de quem se tornou amigo. O dia de São Marcos é comemorado em 25 de abril e, conforme assinala John Drury “o livro de Marcos ocupa o limiar entre a palavra falada evanescente e a palavra escrita, mais permanente e fixa”²⁰. Marcos é um importante expoente da Igreja na fixação dos valores cristãos, provavelmente tenha sido esse um dos motivos de Carvajal tê-lo escolhido para citá-lo em sua crônica.

A expedição avança no tempo e no espaço, é dia 18 de maio, “domingo da *Ascensão de Nosso Senhor* saímos dessa aldeia e começamos a caminhar”²¹. Essa festa ocorre quarenta dias após a Páscoa e representa a memória da elevação de Cristo ao céu, visto que durante quarenta dias após a ressurreição seu espírito permaneceu corporificado e por diversas vezes esteve presente entre seus discípulos.

Carvajal registra o tempo referindo-se a mais quatro eventos ligados à figura de Cristo e sua Igreja. Os três primeiros têm datas móveis, pois estão relacionados ao ciclo pascal: a *Páscoa do Espírito Santo*, conhecida atualmente como *Pentecostes*, que representa a descida do espírito de Deus à terra para orientar os homens, comemora-se também o nascimento da Igreja como instituição; a festa da *Santíssima Trindade*, instituída por Sua Santidade, o Papa João XXI, no ano de 1331 para ser celebrada no domingo seguinte após Pentecostes como forma de ação de graças ao plano de salvação da humanidade operado pelo Pai, através do filho, no amor do Espírito Santo e a comemoração de *Corpus Cristi*, nascida da devoção popular e oficializada em 1264, através do Papa Urbano IV, cujo sentido da festa é o de

¹⁸ CARVAJAL, Gaspar. *Descobrimento do rio de Orellana*. Tradução de C. de Mello-Leitão. São Paulo: Editora Nacional, 1941. p. 35.

¹⁹ Cf. DRURY, John. Marcos. In: *Guia literário da Bíblia*. São Paulo: UNESP, 1997.

²⁰ Ibidem, p.35.

²¹ CARVAJAL, p. 46.

louvar a Eucaristia como a presença viva de Cristo que se doa como alimento espiritual para o homem. Tais efemérides ocorreram respectivamente em 28 de maio, 4 de junho, 8 de junho. A *Transfiguração de Jesus* é último evento citado e tem data fixa, 6 de agosto. Essa festa faz reverência à divindade de Jesus que, durante sua vida pública, assumiu uma única vez a condição de espírito diante de seus três apóstolos mais íntimos, Pedro, Tiago e João.

Além das festas litúrgicas associadas à figura de Cristo, Carvajal se reporta ao dia 6 de maio, dia de *São João Ante-portam-latinam*; ao dia de *São Luís*, 6 de agosto e dispensa atenção especial a *São João Batista* a quem chama de bem-aventurado, precursor de Cristo.

João Batista é o único santo que tem seu dia fixado no nascimento, os demais santos o evento é registrado na data de sua morte, provavelmente seja esta uma das razões para o dominicano referir-se aos dois eventos: ao nascimento, “íamos desta maneira caminhando e procurando um lugar aprazível para folgar e celebrar a festa do bem-aventurado São João Batista, precursor de Cristo”²², em 24 de junho, e à morte “no dia da degolação de *São João Batista*, à noite, se afastou um bergantim do outro, de tal modo que nunca mais nos pudemos ver e pensávamos que se tivesse perdido”²³, no dia 29 de agosto.

Carvajal afirma, no início da crônica, que irá relatar o testemunho ocular de “um homem a quem Deus quis dar parte de um tão novo e nunca visto descobrimento”²⁴, na parte final expressa o desejo de narrar as ocorrências da viagem com toda verdade, não só pelos trabalhos realizados, como também “para tirar o motivo a que muitos queiram contar esta nossa peregrinação ao contrário do que vimos e sofremos”²⁵. Essa verdade é narrada em nome de Deus, de seus governantes com o tempo religioso atestando a veracidade de seus registros.

²² CARVAJAL, Gaspar. *Descobrimiento do rio de Orellana*. Tradução de C. de Mello-Leitão. São Paulo: Editora Nacional, 1941. p. 63.

²³ *Ibidem*, p.78.

²⁴ *Ibidem*, p.13.

²⁵ *Ibidem*, p.79.

BIBLIOGRAFIA CITADA

BRUNEL, Pierre (org). *Dicionário de mitos literários*. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

CARVAJAL, Gaspar. *Descobrimento do rio de Orellana*. Tradução de C. de Mello-Leitão. São Paulo: Editora Nacional, 1941.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 17.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

DRURY, John. Marcos. In: *Guia literário da Bíblia*. São Paulo: UNESP, 1997.